

**Museu Virtual Interativo e Colaborativo da História do Turismo no
Brasil: um espaço educativo**

Dalila Rosa Hallal

Doutora em História Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.
Professora Titular da Universidade Federal de Pelotas, Brasil.

E-mail: dalilahallal@gmail.com

Valéria Lima Guimarães

Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Professora da Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense,
Brasil

E-mail: valeriaguimaraes@id.uff.br

Resumo

Este artigo apresenta reflexões sobre o papel da educação e a função social no Museu Virtual Interativo e Colaborativo da História do Turismo no Brasil. Esse museu está sendo gestado por um grupo de pesquisadores brasileiros vinculados à Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense (UFF). A proposição do presente texto é compartilhar as reflexões realizadas no nosso processo de pesquisa enfocando, especificamente, os caminhos traçados pela equipe para constituir a função educativa em nosso museu. Nosso objetivo é refletir sobre a função educativa e social do Museu Virtual Interativo e Colaborativo da História do Turismo no Brasil, buscando ampliar as experiências. Partimos da situação de ocuparmos o lugar de participantes da proposição e implementação do museu, posteriormente, realizando uma análise sobre a experiência em curso, valendo-nos de um embasamento teórico para possibilitar as reflexões que busquem uma apreensão aprofundada da realidade com a qual se está diretamente envolvido. Acessamos diversos autores do campo da museologia e da educação, com especial destaque para Paulo Freire (1981; 1996; 2000; 2003a; 2003b; 2005), imprescindível para a compreensão, em nosso estudo, do papel educativo e transformador dos museus enquanto instituição e também dos museus virtuais. Assim, posicionamo-nos em um trânsito entre a teoria e a ação, por meio de um caminho trilhado a partir de nossa prática e de sua apreensão como reflexão crítica sobre a realidade. Tendo como base uma leitura da nossa experiência, pontuamos nosso exercício reflexivo de apreensão dessa realidade. Nossas reflexões se direcionam para práticas educativas que tenham por princípio a educação para a participação, respeito à diversidade, diálogo, senso crítico, autonomia e cidadania, fazendo do Museu Virtual Interativo e Colaborativo da História

do Turismo no Brasil um espaço democrático de acesso e produção do conhecimento histórico em Turismo e áreas afins.

Palavras-chave: Museu. Educação. História do Turismo.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Amparados na Nova Museologia¹, o compromisso sócio-político dos museus é, antes de tudo, educacional, tornaram-se “*instituições de serviço público e educação, um termo que inclui exploração, estudo, observação, pensamento crítico, contemplação e diálogo*”.

(BARBOSA, et al., 2010, p.7)

180

A partir desta compreensão, os museus têm buscado uma prática educativa que facilite o diálogo entre museu e sociedade a fim de cumprir sua função social, ainda que não tenham perdido seu ideal preservacionista, pois historicamente preservar e comunicar a memória tem sido os grandes objetivos dos museus. Santos (1993) e Bruno (1995) compartilham da ideia da educação e a conscientização como funções relevantes para o papel social dos museus.

No Brasil, a história da museologia enquanto área do conhecimento acadêmico começa a transformar-se a partir da Mesa Redonda de Santiago, evento ocorrido em Santiago do Chile, em 1972, que teve como principal visão norteadora a filosofia de Paulo Freire e embasou a Nova Museologia, vertente que afirma a função social e o potencial transformador do museu e de seus públicos por meio da interação entre o patrimônio cultural e a sociedade.

Com essas mudanças ocorridas nos conceitos de museu e as novas necessidades sociais, houve uma redefinição no que tange às reflexões acerca de sua função, suas práticas e sua relação com os eventos sociais e políticos que os cercam. Uma profunda readequação dos museus recai sobre sua função educativa. É importante ressaltar que a Nova Museologia não substitui a salvaguarda como um dos objetivos primeiros dos museus, outrossim amplia-se o campo de ação e de intersecção do museu com a sociedade. Voltando-se, também, para o processo educativo.

Na perspectiva de desenvolver este processo educativo, os Museus aprimoram e vêm aprimorando a prática de ações educativas. Esse conceito de ação educativa é diversificado, porém suas definições “apontam para o museu como espaço de educação e de comunicação” (BARBOSA, et al. 2010, p.9) tendo nas ações educativas o elo entre os visitantes e o bem cultural.

O museu não só resguarda, e recolhe, e preserva, mas ele tem de comunicar-se com a sociedade, uma ação educativa é um ato de comunicar-se com a sociedade. Com a valorização das ações educativas “os museus [...] passam a ter um importante espaço de interpretação de culturas e de educação dos cidadãos.” (WAZENKESKI & COSTA, 2015, p.65) proporcionando aos visitantes uma aprendizagem significativa e uma apropriação do conteúdo.

¹ A Nova Museologia é um movimento de larga abrangência teórica e metodológica, cujos posicionamentos são ainda centrais para uma efetiva renovação de todos os museus do século XXI. Hoje, a clareza da expressão parece deficitária, até pela proliferação de outras designações. (DUARTE, 2013, p. 99)

Observamos que na área de turismo, existem poucos trabalhos acadêmicos que se debrucem sobre museu enquanto espaço educativo. Desta forma, se faz relevante compreendê-lo nessa perspectiva e como um lócus para o desenvolvimento de saberes histórico (tempo, memória, identidade e patrimônio).

A ideia de criação de um Museu Virtual Interativo e Colaborativo da História do Turismo no Brasil surgiu a partir da experiência do MUVITUR - Museu Virtual do Turismo da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE) e um debate liderado por um grupo de pesquisadores vinculado à Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense (UFF) sobre a possibilidade de implementação de um museu dessa natureza no Brasil, no final de 2020.

Além da inspiração, em maio de 2021 foi realizada uma reunião *on line* com a equipe do MUVITUR de Portugal para conhecer a experiência desse grupo e estabelecer parcerias. Pesquisadores, técnicos e gestores do MUVITUR, ao serem procurados, colocaram-se à disposição para apoiar e auxiliar na criação do seu congênere brasileiro, formando uma parceria, cujas tratativas estão em andamento.

Após essa reunião, conhecendo a realidade do MUVITUR, nossa equipe no Brasil iniciou discussões de como poderíamos viabilizar essa parceria. Inicialmente identificamos que a realidade do museu em Portugal é diferente, pois possui uma estrutura consolidada, pessoal capacitado para atuar, também conta com acervos organizados em outras instituições parceiras, entre outros aspectos.

No caso brasileiro, estamos iniciando o processo, nossa equipe é muito reduzida, não temos acervos disponíveis já organizados, desse modo, entendemos que seria mais adequado à realidade brasileira um museu virtual interativo, colaborativo que tivesse como função principal o aspecto educativo, sem perder de vista, é claro, a organização, conservação e preservação da história do Turismo no Brasil. Percebemos a importância do museu como um espaço educativo, que permite diferentes experiências e relações com os saberes históricos, como memória, patrimônio, identidade e tempo, abrindo a possibilidade de dialogar com a comunidade sobre essas temáticas.

Dada a falta de cuidados com a preservação da memória do turismo no Brasil, os pesquisadores se defrontam com a dificuldade de localização das fontes, dispersas, perdidas ou mal conservadas. Essa é uma preocupação constante dos estudiosos da história e da memória do turismo no país, o que nos leva a enfatizar a importância de adotar formas de preservar a memória desses que são dois dos fenômenos mais expressivos da atualidade.

O caminho da construção coletiva adotado por nós se fundamenta na ação de mobilização e organização para pensar o próprio “estado da arte da história do Turismo no Brasil”. Essa iniciativa reverberou em outra ação, a elaboração de uma exposição virtual enfatizando os pesquisadores que vêm constituindo essa história, destacando um grupo significativo de pesquisadores que se debruçam sobre essas temáticas, valorizando seus saberes e experiências.

Espera-se que essa ação estimule a participação de colegas na construção deste museu, como efeito dominó, gerando novas iniciativas e parcerias. Nesse sentido, o museu compartilhou do mesmo espírito democrático e participativo presente na proposta da exposição. O caráter coletivo desse processo de construção fica evidenciado, garantindo que representantes das áreas, possam participar, e, dessa forma, contribuir para a reflexão sobre os caminhos que o museu deve percorrer para se efetivar como um instrumento estratégico no atual cenário, e ganhe importância na vida acadêmica, cultural e social, sendo reconhecido como agente de transformação da sociedade e um espaço de encontro e diálogo entre os mais diversos grupos sociais.

Ao mesmo tempo, resulta do empenho de grupo de pesquisadores, o que demonstra o fortalecimento e amadurecimento dessa área para atuar de forma conjunta. Assim, o museu, elaborado a partir de um processo democrático, pode atuar no sentido de propiciar os espaços necessários ao debate dessas áreas de conhecimento, pretendendo ser um espaço aglutinador, fruto da construção coletiva da comunidade, ansiosa por cumprir seu papel de agente participativo e atuante na configuração do futuro da área.

Neste artigo refletimos sobre a função educativa e social do Museu Virtual Interativo e Colaborativo da História do Turismo no Brasil, buscando ampliar as experiências, de forma a propiciar socialização e significação do conhecimento produzido e a produção de novos saberes para diferentes realidades socioculturais. “O museu que não tem compromisso educativo transforma-se em depósito de objetos, ou vitrines de um shopping center cultural” (RAMOS, 2004, p. 134).

A metodologia consistiu na análise de nossa experiência durante o processo de concepção, planejamento e execução do Museu Virtual Interativo e Colaborativo da História do Turismo no Brasil. Para o desenvolvimento deste trabalho, passamos por alguns percursos para chegarmos à definição do nosso foco central. A ideia de sua função educativa e social foi construída por meio de estudos bibliográficos e mediante discussões advindas da participação em alguns eventos de museologia e com a equipe do museu. A partir do levantamento bibliográfico inicial, percebemos a importância de desenvolvermos uma pesquisa sobre a função educativa dos museus virtuais, relacionando a nossa experiência.

Partimos da situação de ocuparmos o lugar de participantes da proposição e implementação do museu, posteriormente, realizamos uma análise sobre a experiência em curso. Fez-se necessário um embasamento teórico para possibilitar as reflexões que busquem uma apreensão aprofundada da realidade com a qual se está diretamente envolvido. Assim, posicionamo-nos em um trânsito entre a teoria e a ação, por meio de um caminho trilhado a partir de nossa prática e da apreensão dela como reflexão crítica sobre a realidade. Tendo como base uma leitura da nossa experiência, pontuamos nosso exercício reflexivo de apreensão dessa realidade.

2 MUSEU VIRTUAL INTERATIVO E COLABORATIVO DA HISTÓRIA DO TURISMO NO BRASIL: UM ESPAÇO EDUCATIVO

Transitando pela história dos museus, no contexto ocidental, percebemos que os museus sofreram ao longo do tempo inúmeras readequações e transformações no que tange às reflexões acerca de sua função, suas práticas, sua relação com os eventos sociais e políticos que os cercam e os principais elementos que sustentam seu trabalho.

“[...] o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas actividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas actuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais.” (ICOM, 1999.).

Com este novo conceito de museu, a instituição passa a ser entendida enquanto instrumento de mudança social, instrumento para o desenvolvimento e ação. A função do

museu passa a ser entendida para além da coleta e conservação de objetos, pois a instituição passa a ser vista como agente de desenvolvimento comunitário, exercendo um papel decisivo na educação da comunidade, assumindo assim uma função social.

O eco deste documento é explícito na Declaração de Quebec, em 1984, mas aqui ressaltamos a Declaração de Salvador de 2007, onde as ideias plantadas em Santiago já estão bem desenvolvidas, e inclusive pode-se perceber uma forte influência de vertentes da educação popular.

Compreendendo os museus como instituições dinâmicas, vivas e de encontro intercultural, como lugares que trabalham com o poder da memória, como instâncias relevantes para o desenvolvimento das funções educativa e formativa, como ferramentas adequadas para estimular o respeito à diversidade cultural e natural e valorizar os laços de coesão social das comunidades ibero-americanas e sua relação com o meio ambiente;

6. Assegurar que os museus sejam territórios de salvaguarda e difusão de valores democráticos e de cidadania, colocados a serviço da sociedade, com o objetivo de propiciar o fortalecimento e a manifestação das identidades, a percepção crítica e reflexiva da realidade, a produção de conhecimentos, a promoção da dignidade humana e oportunidades de lazer;

10. Compreender o processo museológico como exercício de leitura do mundo que possibilita aos sujeitos sociais a capacidade de interpretar e transformar a realidade para a construção de uma cidadania democrática e cultural propiciando a participação ativa da comunidade no desenho das políticas museais;

11. Reafirmar e amplificar a capacidade educacional dos museus e do patrimônio cultural como estratégias de transformação da realidade social. (DECLARAÇÃO DE SALVADOR, 2007, p. 11, 14 e 15)

Esse documento é o resultado do entendimento provocado a partir de 1972, em que as preocupações recaem nos aspectos educativos dos museus e utilizar referenciais da educação popular; os museus devem pensar a sua comunidade, sua função social e sua responsabilidade ideológica. Paulo Freire foi uma referência para o grupo que conduziu as discussões da Mesa-redonda de Santiago, como o de Hugues de Varine-Bohan, ex-diretor do ICOM - Conselho Internacional de Museus.

O ICOM apresenta nos seus Estatutos a seguinte definição de museu:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e de seu meio, com fins de estudo, educação e deleite (ICOM, 2015, p.2)

No Brasil, nos últimos anos, houve mudanças significativas em termos de políticas, legislação, organização, fóruns de discussões, eventos, etc.. Em 2003, a Política Nacional de Museus (PNM) foi lançada pelo Ministério da Cultura em meio às comemorações do Dia Internacional de Museus, no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, e já trazia uma visão afinada com as tendências mais progressistas da Museologia.

os museus devem ser processos e estar a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Comprometidos com a gestão democrática e participativa, eles devem ser também unidades de investigação e

interpretação, de mapeamento, documentação e preservação cultural, de comunicação e exposição dos testemunhos do homem e da natureza, com o objetivo de propiciar a ampliação do campo das possibilidades de construção identitária e a percepção crítica acerca da realidade cultural brasileira. (BRASIL, 2003, p. 8)

O Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM, define museu de acordo com a Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades. Art. 2º São princípios fundamentais dos museus: I – a valorização da dignidade humana; II – a promoção da cidadania; III – o cumprimento da função social; IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural; VI – o intercâmbio institucional. (BRASIL, 2009)

Os museus enquanto produto do seu contexto histórico e cultural vem passando por uma série de mudanças no que refere a suas funções. Nesse contexto, “as ações culturais e educativas tiveram forte influência nesse contexto de contestação; foram diretamente influenciadas e passaram a ser consideradas como uma ferramenta essencial para a instituição na construção de um diálogo com a comunidade”. (MELLADO, 2019, p.10)

[...] Um dos grandes desafios da educação museal é justamente responder à expectativa de uma variedade tão grande de públicos, sendo necessária uma adequação dos meios (discursos, recursos, métodos etc.) utilizados nos processos educativos para possibilitar a acessibilidade cognitiva e atitudinal, na construção de conhecimentos (cognitivos, afetivos, sensíveis, críticos, desenvolvimento de habilidades etc.) a partir dos objetos e patrimônio preservados e/ou expostos pelo museu. A experiência educativa em museus deve, ainda, equacionar aspectos do saber e do lazer, num espaço de convivência social, possibilitando a formação de vínculos entre os visitantes e, entre estes, a instituição e a cultura. (SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS DE SÃO PAULO - SISEMSP, 2015, p. 4).

Segundo Bruno (1995 p. 65), a função da instituição museu tem como componentes “o perfil preservacionista, científico e educativo”, e a função social se realizaria na interseção de duas outras, a científica e a educativa, ao “propiciar a compreensão sobre o patrimônio / herança e o exercício da cidadania”. (Bruno, 1998, p. 27).

Para Santos (1993, p. 52) a preservação implica transformação:

Para nós, o simples ato de preservar, isolado, descontextualizado, sem objetivo de uso, significa um ato de indiferença, um “peso morto”, no sentido de ausência de compromisso. Entendemos o ato de preservar como instrumento de cidadania, como um ato político e, assim sendo, um ato transformador, proporcionando a apropriação plena do bem pelo sujeito, na exploração de todo o seu potencial, na integração entre bem e sujeito, num processo de continuidade.

Os museus ao entenderem sua função de transformação social, encontram em Paulo Freire suporte e estímulo para buscar seu papel em um mundo em tempo de mudanças. Assim, a inspiração da educação libertadora do brasileiro Paulo Freire é a grande referência para pensar a função social, sobre o papel dos museus em países marcados pela desigualdade social. Foi durante a Mesa-Redonda sobre o Papel do Museu na América Latina, organizada pela UNESCO, em Santiago do Chile, em 1972 que os diretores dos grandes museus latino-americanos presentes na reunião foram provocados a perceber que pouco sabiam do que ocorria fora dos museus e para que sociedade estavam trabalhando. Desde então, entende-se que o papel social e educativo do museu é o “de aumentar a capacidade de uma coletividade de projetar seu próprio futuro e de ser sujeito ativo de sua própria história, a partir da consciência que passa a ter de si mesma”. (Barbuy, 1989, p. 36)

Mellado (2019) discorrendo sobre a importância de Paulo Freire para o desenvolvimento de práticas educativas em museus, destaca a trajetória do educador, uma das principais referências da educação brasileira que teve forte influência na museologia a partir de 1970, mesmo não tendo dedicado seus estudos especificamente a museus e patrimônios. No livro “A Pedagogia do Oprimido” de 1970, o educador aborda o diálogo como essência da educação, como prática de liberdade. A educação, para ele, está ligada a situar o sujeito enquanto sujeito histórico para que ele se conscientize da realidade em que vive, assim desenvolvendo o pensamento crítico, permitindo que o sujeito reflita, aja e transforme sua realidade. Nessa perspectiva, o educador e o educando aprendem juntos. Nesse contexto, a educação assumiria um caráter político.

O museólogo Huges Varine, que participou ativamente das tentativas de mudanças no campo do museu e do patrimônio manifesta a influência de Paulo Freire na formulação de suas concepções e enfatiza o caráter libertador que a educação deve seguir, na qual o educando não deve ser objeto do ensino e sim sujeito da construção de novos valores para o homem. Para Varine, “o museu deve possibilitar aos públicos, análises profundas, assumindo as funções de uma instituição didática e conscientizadora” (Alves; Reis, 2013, p.128).

A ênfase na educação se intensifica nos museus, que passam a dar uma maior atenção aos novos processos pedagógicos nas ações educativas e culturais no âmbito museológico.

É a partir da Declaração de Santiago² que a comunidade museológica, já não pode ignorar que o museu começa a ter um papel decisivo na educação da comunidade e a ser agente de desenvolvimento. Por entender que a maior potencialidade dos museus é a sua ação educativa e a educação verdadeira é aquela que serve à libertação, questionamento e reflexão, é que as novas correntes da museologia, após esta

² A Declaração de Santiago, realizada no Chile em 1972 pode ser considerada como a primeira reunião interdisciplinar, preocupada com a interdisciplinaridade no contexto museológico e, voltada para a discussão do papel do museu na sociedade.

Declaração, se aportou do método pedagógico defendido por Paulo Freire, que entende a educação como prática da liberdade e constrói a teoria da Educação Dialógica e Problematicadora na qual a relação educador-educando é horizontal, ou seja: acredita-se que a partir do diálogo e da reflexão, os homens se educam em comunhão (PRIMO, 1999, p.20)

Segundo Paulo Freire (1981, p.36) a principal função da educação é desenvolver o caráter libertador. Para ele, ensinar seria, fundamentalmente, educar para a liberdade, a “educação para o homem-sujeito”. Compreendia a educação voltada para a liberdade e a autonomia.

apesar de parte dos profissionais da museologia contemporânea tentarem através da actuação e militância, aplicar o binómio de integração: comunidade/museu, uma visão tradicional ainda sobrevive contrapondo-se as mudanças de percepção do mundo e, nesta visão onde o social ainda não é privilegiado, questões como bem cultural e cidadania ainda são entendidos de forma elitista e excludente (PRIMO, 1999, p. 30).

Desse modo, o autor ressalta que quando o ato de preservar ocorre de forma descontextualizada e sem objetivo de uso, não se justifica. É preciso que a preservação seja entendida como um instrumento para o exercício da cidadania. E afirma: “A acção preservacionista deve ser um acto público transformador que proporcione a plena apropriação do bem pelo sujeito”. (PRIMO, 1999, p. 31)

O Caderno de Diretrizes Museológicas, baseado no Programa Educativo e Cultural dos museus da Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, define ações educativas como:

elementos fundamentais no processo de comunicação que, juntamente com a preservação e a investigação, formam o pilar de sustentação de todo museu, qualquer que seja sua tipologia. Entendidas como formas de mediação entre o sujeito e o bem cultural, as ações educativas facilitam sua apreensão pelo público, gerando respeito e valorização pelo patrimônio cultural (CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS, 2006).

A prática adotada pelos educadores na educação museal é conceituada como mediação, designada pelo ICOM (2014) como a ação de colocar de acordo ou reconciliar o público de museu com o que é exposto, em uma construção conjunta de conhecimento.

A apropriação do conceito de mediação pelos educadores dos museus renuncia ao modelo linear, simplificado e mecanicista da Teoria da Informação dos anos de 1950 e prioriza o modelo dialógico, no qual a visita ao museu se constitui em um momento em que diversas vozes podem ser ouvidas (BARROS, 1997).

A mediação procura favorecer o compartilhamento de experiências vividas entre o público e as exposições na sociabilidade da visita, buscando referências comuns. Utilizam-se de estratégias de comunicação com caráter educativo, que mobilizam técnicas em torno das exposições “para fornecer aos visitantes os meios de melhor compreender certas dimensões das coleções e de compartilhar as apropriações feitas” (ICOM, 2014, 53).

Segundo Freire (1981, p.69), “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.”

Tendo como base uma leitura da nossa experiência na criação e organização do Museu Virtual da História do Turismo no Brasil, pontuamos este trabalho em seu contexto histórico, com o desafio de tecer uma conexão entre a formulação da teoria e a nossa ação.

O referido museu é um espaço essencialmente interativo, colaborativo e educativo, desenvolvendo ações que vinculam ensino, pesquisa e extensão. Fundado por um coletivo de pesquisadores com e sem vínculo acadêmico, estudantes de graduação e pós-graduação, educadores e demais profissionais interessados ou envolvidos com o Turismo ou áreas afins no Brasil, tem como missão colocar-se a serviço da sociedade. Visto dessa forma, consideramos que o museu é um espaço rico para a aprendizagem de saberes históricos. Sabemos que “estudar a história não significa saber o que aconteceu e sim ampliar o conhecimento sobre a nossa própria historicidade” (RAMOS, 2004, p.24).

Buscamos a compreensão do museu para além do espaço institucionalizado, tornando-o como um contexto dinâmico, interativo, colaborativo e repleto de sentidos e sentimentos, delineando “uma abordagem do museu como contexto em devir, dinâmico, enquanto universo de sentido compartilhado que se altera ao fundir-se com o espaço social, histórico, cultural que modifica” (MARTINS, 2008, p. 2).

O museu virtual é um espaço virtual de mediação e de relação do patrimônio com os utilizadores, é dinâmico, havendo trocas entre pesquisadores e instituições e amplas pesquisas, traduzindo-se numa ação educativa que prima pela constante reflexão sobre si mesma e sobre o campo no qual se insere, e que tem o Museu Virtual da História do Turismo no Brasil como um importante instrumento de socialização das experiências acumuladas na área.

Pensando na função educativa do museu, estamos exercitando nossa práxis, num esforço de aproximação de nossas ações no museu pautadas no educador Paulo Freire.

Assim, imbuídos deste compromisso ético com a obra de Freire, passamos à análise da dimensão educativa do nosso museu, ações voltadas para os interesses e necessidades da sociedade, em diferentes escalas e pautadas pela análise crítica do fazer história.

Nas práticas freirianas a participação é entendida como princípio fundamental, pois é a partir do interesse dos sujeitos que os processos educativos se dão. Freire indica a importância da participação “enquanto exercício de voz, de ter voz, de ingerir, de decidir em certos níveis de poder, enquanto direito de cidadania se acha relação direta, necessária, com a prática educativo-progressista” (FREIRE, 2003, p. 73). A participação popular é percebida como “ferramenta capaz de romper com a tradição de sociedade elitista excludente” (WEYH, 2010, p. 303), o que implica, por parte das classes populares, um “estar presente na História e não simplesmente nela estar representadas” (FREIRE, 1999, p. 75).

Algumas ações educativas que estamos tomando como referência para o nosso museu são: promover a participação dos cidadãos na elaboração e na execução dos projetos, contribuindo para a construção do conhecimento, a partir das suas histórias de vida, capacitando-os a formular e executar projeto próprio de vida no contexto histórico, integrando o museu à sociedade, buscando, conjuntamente, a construção de uma nova prática social.

As rodas de diálogo, encontros reuniões e oficinas sempre se darão de forma aberta, sem nenhum tipo de restrição à participação da sociedade, sendo divulgadas com antecedência da forma mais ampla possível. Durante as rodas de diálogo, convidaremos

um facilitador para estimular o debate e deixar os participantes mais à vontade para expressarem suas ideias sobre o museu, seus conteúdos, atividades e perspectivas.

Essas ações serão avaliadas e os resultados dos encontros e debates serão material para alimentar os novos encontros, os questionamentos apresentados pelos participantes serão um importante material de trabalho do processo participativo. A participação se configura no Museu como prática museal e pedagógica, ambas orientadas pela crença de que pela presença ativa e determinante da comunidade, o museu se aproximados “seus verdadeiros donos” (NOBRE, 2010, p.101).

O contexto, a realidade onde estão imersos os sujeitos, permeia cada ação, até porque Freire entende que a práxis é “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2005, p. 42).

O museu que estamos organizando irá, ao longo da sua experiência, agregando interessados na sua temática e nas suas discussões. Cada indivíduo traz consigo suas experiências e seus contextos, enriquecendo assim os processos do próprio museu.

O universo dos temas abordados sempre estará aberto ao acréscimo pelos participantes, pois para Freire cada sujeito não era um receptáculo vazio onde deveriam ser depositados os conteúdos, mas que cada um tinha o seu conhecimento, e que o professor deveria saber ouvir este educando – valorando esta sua experiência – e aproveitar destes contextos para conjuntamente provocar situações de aprendizagem. No Museu Virtual da História do Turismo no Brasil os contextos do participante serão compartilhados nas rodas de diálogo e ajudarão a situar criticamente o próprio museu.

Para Freire a criticidade é via para a conscientização, para a aprendizagem e para a libertação. A abordagem problematizadora é que permite a aproximação da realidade de forma crítica. A criticidade torna-se, então, elemento-chave na aprendizagem.

Freire (2000) nos lembra que a questão fundamental não está em que o passado passe ou não passe, mas na maneira crítica, desperta, com que entendemos a presença do passado em procedimentos do presente. Destaca que, nesse sentido, o estudo do passado traz à memória do nosso corpo consciente a razão de ser de muitos dos procedimentos do presente e nos pode ajudar, a partir da compreensão do passado, a superar marcas suas.

O exercício crítico sobre o papel do museu, e em particular à proposta do nosso museu virtual foi um aspecto recorrente desde a sua concepção, nas mais diversas programações, nas rodas de diálogo, cursos, palestras, grupos de estudos e sessões de compartilhamento de experiências. Recolhendo fragmentos, imagens, narrativas, sonhos, etc, de todos aqueles dispostos a contribuir para o registro da história do turismo no Brasil.

Para Freire, é do diálogo que se chega à criticidade, mas é nele também que se encontra o afeto e se partilha a cultura. Ao desenvolver o ideário de um “método dialógico” de ensino, Freire estabelece que a diferença entre um “ato de conhecimento” e uma simples transferência é a dialogicidade. “Através do diálogo crítico sobre um texto ou um momento da sociedade, tentamos penetrá-lo, desvendá-lo, ver as razões pelas quais ele é, como é e o contexto político e histórico em que se insere” (FREIRE, SHOR, 2006, p. 24). Esta é a compreensão do diálogo como processo dialético - problematizador (ZITKOSKI, 2010), que se dá pela concepção do diálogo como a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver. O diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e a nossa ação humanizadora. (ZITKOSKI, 2010, p. 117).

O diálogo no museu tem o caráter primordial de aproximação, sendo a base na qual são construídos os espaços para troca, para o aprender e fazer junto. As ações educativas do nosso museu estarão fundamentadas na perspectiva da mediação dialógica,

do diálogo horizontal, em um processo de construção colaborativa de saberes sobre o turismo em uma perspectiva histórica.

Ao se abrir à participação, o próprio museu criará espaços para a prática da criticidade, e inclusive para as discussões acerca de sua própria natureza. Assim, o museu, seu tema, narrativa e sua exposição tornam-se o ponto de partida para questionamentos.

O visitante deixa de ser um sujeito passivo, que apenas reage à mensagem transmitida, sendo incentivado a participar e interagir com o espaço museológico, a fazer escolhas das imagens que quer ver, conhecer; e ter liberdade de passear por diferentes coleções de acordo com o seu interesse, não estando preso a um percurso determinado por coleções, cronologia, estilo e etc. Na visita virtual não é possível simplesmente ‘passar’ pelos objetos ou obras, o visitante deve fazer escolhas e elas definirão seu percurso.

O visitante desempenha papel ativo no processo de construção do conhecimento. Tal educação deve estar comprometida com a transformação social e para tanto precisa criar cidadãos de fato, capazes de ler, interpretar, questionar e intervir no seu meio sociocultural e político. O museu interativo e colaborativo enseja o protagonismo dos visitantes na construção ativa e colaborativa de conhecimentos.

Também nos empenhamos em pesquisas de problemas amplos tratados pelas exposições, criação e proposição de percursos de visitação e os vários aspectos da relação museu/visitantes. O registro e compartilhamento de repertórios, dificuldades, artefatos, histórias e procedimentos em redes sociais também serão considerados ações importantes. Como espaço de encontro aberto à experimentação, estamos comprometidos com a escuta e troca dos saberes, memórias, histórias que chegam com os visitantes como experiência imprevisível e singular de criação e negociação de significados.

“O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem”. (FREIRE, SHOR, 2006, p. 122). É o diálogo que ressalta o inacabamento dos sujeitos e propicia a busca da mudança, pois como seres comunicativos é “através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade” (FREIRE, SHOR, 2006, p.122)

O museu virtual dá liberdade para que o visitante crie o seu percurso, algo essencial em uma visita, uma vez que “é o museu um lugar de passagem, convida não à paragem, mas ao nomadismo; seus significados não estão em superfície fosca, mas diáfana. Sua finalidade é o percurso, não a chegada” (PEREIRA e SIMAN, 2009, p.287), pois é no percurso, no campo desterritorializado, que o visitante encontra-se aberto, sensível a interpretações e ressignificações de memórias e histórias que ecoam pelos corredores do museu. Este perfil de visitante é encontrado em museus que apresentam um cenário educativo bem estruturado, com objetivos e projetos bem elaborados, que ensinam aos visitantes exercerem sua “condição andarilha, percorrendo lugares e sentidos”. (PEREIRA E SIMAN, 2009, p.286)

O trabalho educativo supõe a dialogia que se instaura na visitação, criando-se uma cadeia infinita de enunciados (atos de fala, gesto e significação) em que a dúvida pode levar a outro ato e este a outro, infinitamente (BAKHTIN, 1990). Disso decorre o encontro inexorável com as fases da alteridade através do museu (PEREIRA E SIMAN, 2009, p.292).

A multiculturalidade é uma dimensão do pensamento freiriano. Segundo Oliveira, Canen e Franco (2000, p. 115), há inúmeras possibilidades de definição do multiculturalismo. Em um nível mais abrangente, multiculturalismo poderia ser definido como

a condição das sociedades caracterizadas pela pluralidade de culturas, etnias, identidades, padrões culturais, socioeconômicos e culturais, abrangendo as formas pelas quais os diversos campos do saber incorporam a sensibilização a esta diversidade em suas formulações, representações e práticas.

No livro “Pedagogia da esperança”, Freire (2003, p. 157) desenvolve um trecho significativo sobre a necessidade de luta para atingirmos a utopia da multiculturalidade:

É preciso reenfatizar que a multiculturalidade como fenômeno que implica a convivência num mesmo espaço de diferentes culturas não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns – e demanda, portanto, certa prática educativa coerente com esses objetivos – e uma nova ética no respeito às diferenças.

Entendemos que nessa perspectiva nosso museu virtual deve buscar uma multiculturalidade, garantindo espaços para múltiplas narrativas. Afinal, “o museu é o espaço de inúmeros sujeitos, do passado e do presente, daqui e de outros lugares, de culturas diferentes, com o mesmo ponto de vista ou com divergentes e diferentes posições” (CURY, 2010, p. 362)

O museu virtual pode ser uma possibilidade de minimizar a barreira entre o museu (patrimônio) e a população, pela possibilidade de aproximação do público aos museus, desconstruindo a visão de museu como um espaço que guarda objetos antigos e espaço destinado a especialistas. Complementa Oliveira, (2002, p. 140):

Os museus virtuais, sobretudo aqueles criados sem interface da instituição tradicional, deram aval à criação e informação de histórias de qualquer personagem, de objetos artísticos (de artistas renomados e iniciantes) e não artísticos (de artistas, iniciantes e leigos), poemas e debates, tudo que compõe os acervos digitais, quebrando as barreiras do tempo-espaço, dos horários de visita, da comunidade local, do silêncio e mostrando textos que partem das mais simples pessoas de um lugar qualquer.

A multiculturalidade em nosso museu tem relevância, significa criar um ambiente culturalmente rico em interações sociais, capazes de propiciar a obtenção e partilha de conhecimentos entre os seus visitantes, respeitar a diversidade e contribuir para a formação da cidadania, compreendendo que a narrativa sobre a história do turismo são fontes de disputas sociais. O museu está aberto aos mais diversos segmentos sociais, à toda a sociedade.

A educação enquanto uma função básica em nosso espaço museológico, pode estabelecer diferentes formas de resistência aos processos de padronização e homogeneização culturais, promovidos pela dinâmica da globalização, a partir do interesse por diversas narrativas históricas, “dar evidência a fontes, temas e sujeitos que não tiveram visibilidade no âmbito da chamada “macrohistória”, contribuindo, assim, para o conhecimento de múltiplas experiências históricas e o reconhecimento das diversas identidades” (CAIMI, 2010, p.64).

O nosso museu incita uma constante construção e reconstrução das narrativas históricas inscritas em um tempo e espaço. Este não é um caminho fácil. Para Pereira e Siman (2009, p.282), “supõe-se também a superação de narrativas reificadoras da ação de personagens históricos, não mais vistos como sujeitos-ímpares ou heróis, mas de maneira integrada a sociedades, tempos e lugares”. As autoras completam que, a partir desta superação, é que “reconfiguram-se percepções reificadoras e heroizantes, apontando para outras formas de compreensão dos processos históricos – compostos também pela ação de sujeitos reais – mas sem mitificações”.

Interessa-nos pensar como aprender história em um campo aberto, repleto de sentidos e histórias. Compartilhando dos questionamentos de Pereira e Siman, (2009, p.286): “quais os desafios de educar para aprendizagem da história num ambiente que convida a pensar, sentir e emocionar-se no convívio e em situação de deslocamento? De que histórias falam os objetos, ruídos, palavras e gestos dos visitantes dessa morada [...]?”. Uma preocupação constante em não reproduzir modelos e difundir uma história conservadora, sem criticidade e que contribui, ainda, para os “esquecimentos”.

São significativos os avanços percorridos pela história do turismo no Brasil e a luta pela organização e preservação de acervos, mas ainda temos um longo caminho a percorrer. Falta uma perspectiva crítica da educação, temos que nos aproximar cada vez mais dos grupos não representados nos museus, que se encontram à margem da história e de uma memória que represente os diferentes agentes presentes no processo histórico do turismo no Brasil.

A História desenvolvida no Brasil é, ainda, em parte, tradicional. Para Magalhães (2009) a educação patrimonial desenvolvida no Brasil também é tradicional e acaba reproduzindo narrativas. O autor observa o fato da educação patrimonial ser universalizante e homogeneizante, pressupondo a existência de uma única memória e saber; ser integralizante, priorizando as manifestações culturais dos grupos dominantes e oficiais, vinculados ao Estado; propor uma única possibilidade para o conhecimento com foco na preservação e não na apropriação do patrimônio pelo sujeito; ser impositiva, deixando assim de favorecer a valorização de múltiplas memórias e identidades culturais.

Aproximamo-nos da concepção de educação patrimonial proposta por Magalhães (2009), que atribui a essa prática os seguintes princípios: reconhecimento do contexto cultural local, valorizando a sua própria memória, percebendo-se como agente histórico; percepção da diversidade cultural e a multiplicidade das expressões do patrimônio; aceitação das várias possibilidades de interpretação e apropriação do patrimônio, favorecendo inclusive o surgimento de conflitos, percebendo o espaço local/individual em relação com o espaço plural/coletivo, e valorizando as narrativas e tensões entre o universal e o singular.

Tal compreensão da educação patrimonial favorece ações que geram cidadania, na medida em que “[...] possui caráter político, visando a formação de pessoas capazes de (re)conhecer sua própria história cultural, deixando de ser espectador, como na proposta tradicional, para tornar-se sujeito, valorizando a busca de novos saberes e conhecimentos, [...]” (MAGALHÃES; ZANON E BRANCO, 2009, p. 52)

Ao trazermos tais considerações sobre a história do turismo no Brasil, não estamos propondo abandonar os trabalhos realizados, já consagrados. Trata-se de se ter uma visão de que o espaço da cidadania trabalha com a significação coletiva, expressando as experiências sociais. Significa, portanto, trabalhar com a memória social, compreendendo que as desigualdades na sua formação e apropriação histórica exigem que se o estude também como espaço de luta material e simbólica entre as classes, etnias e grupos.

Isso não significa que não iremos considerar a história do turismo tida como “oficial”, mas sim considerar que é importante também perceber essa história como uma forma possível de representar o passado e não a única.

Nessa dinâmica posta entre a memória e o esquecimento, o Museu adquire o sentido de comunicador social, e tem sua essência na ação educativa. Corroboramos com Santos (2008, p. 141) quando afirma que todas as ações museológicas devem ser pensadas e praticadas como ações educativas. Assim, entendemos que a função educativa deve ser desenvolvida pelo museu virtual de turismo como um todo.

Para que o nosso museu contribua na formação da consciência e no engajamento da sociedade como um instrumento provocador de mudanças, seu acesso deve ser o mais amplo e irrestrito possível; deve ter ampla participação, no que redunde no cumprimento da sua função social, ou seja, de comunicação, e de conhecimento.

O exercício da cidadania só ocorre quando o indivíduo conhece a realidade na qual ele está inserido, a memória preservada, os acontecimentos atuais, entendendo as transformações e buscando um novo fazer.

Podemos dizer, que a museologia tomando como base o Patrimônio Cultural – que é fruto do fazer e saber fazer do homem e, continuando a desenvolver as funções básicas de colecta, documentação, conservação, exposição e acção cultural, todas elas direccionadas ao fazer educativo - cultural na tentativa de despertar a consciência critica do indivíduo, leva-o assim a reapropriação da memória colectiva e ao direito do exercício da sua cidadania. (PRIMO,1999, p. 32)

Pautando-se em uma concepção ampla de educação, Wagensberg (2005) define como prioridade do processo educativo em museus, o estímulo para o conhecimento, para mudança de atitude diante da educação. Para ele, no museu se pode lecionar, informar, instruir, entreter, mas há outros espaços/mecanismos que ensinam e informam melhor que o museu. Todavia, a sua função ideal, o que ele faz de melhor e no que ele é insubstituível é estimular, provocar perguntas, levar da “indiferença para a vontade de aprender”, mudar a atitude do espectador e despertar a curiosidade. (WAGENSBERG, 2005, p.3)

Hein (1998) defende que a educação museal promove aprendizagens por meio de um processo ativo de construção de significados; pautados por conhecimentos, valores e crenças prévias e na relação entre sujeitos sociais. No contato com o objeto museal, em espaço e tempo específicos, aprendem-se conteúdos, mas também o aprender a aprender, processo que não se encerra na visita, mas que permanece na contínua recorrência de pensamentos. Hein (2006) também afirma que “aprender” é um termo restrito para descrever a experiência museal, se a sua definição não incluir prazer e satisfação.

Esse patrimônio, a história do turismo no Brasil, pode ser sim uma ótima ferramenta para compreender o mundo que nos rodeia. Nesse processo, o mais importante é saber fazer as perguntas corretas, num diálogo entre o patrimônio, suas representações e o seu campo de produção, marcado por escolhas, definições e tentativas de imposição de memórias. Se considerarmos que “identidade, memória e patrimônio são as três palavras-chave da consciência contemporânea” (CANDAUI, 2012, p.16), devemos lembrar que essa consciência estará presente no imaginário social coletivo, na medida em que provocarmos uma ação concreta nesse sentido.

Para Freire (2005, p.50) “Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”

Construir significados relevantes é também trazer a história do turismo para o entendimento do presente, para um compromisso com o mundo em que se vive e de ter desejos de transformá-lo. Sabemos que “estudar a história não significa saber o que aconteceu e sim ampliar o conhecimento sobre a nossa própria historicidade” (Ramos, 2004, p.24). Konder (1989, p. 22) afirma que, para Benjamin: “A volta ao passado não é feita para conhecê-lo, mas para, servindo-se dele, colocar o presente numa situação

crítica”. Ou, ainda, juntando passado e presente de forma crítica, e tomando a fala de Ramos (2004, p. 21):

Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente. Mostrando relações historicamente fundamentadas entre objetos atuais e de outros tempos, o museu [...] ganha substância educativa, pois há relações entre o que passou, o que está passando e o que pode passar.

Para Kramer (2000, p. 158) “É possível mudar o passado, resignificando-o; portanto, é possível mudar o futuro, o que nega o fatalismo e nessa descontinuidade se funda a dimensão histórica do ser humano”. Isso significa colocar o presente numa situação crítica e compreender que o passado não precisaria ter sido o que foi, o presente pode ser diferente do que é e que, portanto, é possível mudar o futuro.

Entendemos que uma realidade se impõe: o museu virtual de turismo deve ter um compromisso político e social. Nosso museu aposta na proposta educativa, que leva em conta a diversidade de experiências de vozes, ao oferecer ao visitante uma série de identidades e possibilidades humanas que emergem no meio de, dentro e entre diferentes histórias.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O museu e se constitui como um espaço de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, o trabalho do museu busca levar o visitante a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização das múltiplas narrativas históricas. Nossa preocupação é de que o nosso museu se configure como um instrumento de inclusão social para a garantia do direito à memória e à cidadania, fortalecendo a identidade cultural, plural e múltipla.

Nossa linha de atuação defende o poder transformador e de transformação do museu enquanto instituição, a qual, só tem razão de existir se for pelos sujeitos e pelos coletivos que nela interferem. No museu os visitantes podem contar suas histórias, apropriando-se da linguagem museológica – tão elitizada – e resignificam suas narrativas e memórias, vislumbrando um horizonte de autonomia (FREIRE, 1996). Se afirmam assim, como sujeitos críticos e intelectuais que têm a responsabilidade de questionar a hegemonia da história do turismo no Brasil, ainda excludente. Enquanto pesquisadores, temos que pensar possibilidades de tornar o museu mais social, menos elitizado e mais democrático.

A ideia de educação como função básica do museu, inspirada em Paulo Freire, pode fortalecer questões como identidade, consciência social e cidadania. Assim, no Museu Virtual da História do Turismo no Brasil, nos empenhamos em propor ações que visem ao desenvolvimento cultural, social e à cidadania; ao desenvolvimento da consciência crítica, onde o visitante pode conhecer, valorizar e respeitar as diversidades, compreender e posicionar-se. Dessa forma, o museu pode ser um lugar que instigue a reflexão, o respeito e a consciência crítica. Nesta perspectiva, percebemos o potencial dos museus virtuais. Temos consciência de que o museu é uma organização cultural situada dentro de uma estrutura contraditória e socialmente desigual e que, portanto, a educação no museu deve ser vista nesse contexto. Nesse sentido, seu compromisso social é fundamental. Assim, acreditamos que a maior potencialidade dos museus é a sua ação educativa, a educação aquela que serve à libertação, questionamento e reflexão, desta maneira estará contribuindo para uma educação que seja dialógica e libertadora, onde os indivíduos estejam capacitados a transformarem sua realidade.

Finalizando, acreditamos ter deixado claro nosso posicionamento no sentido de que a educação na perspectiva trabalhada pelo Museu Virtual de História do Turismo é pautada por embasamentos conceituais relacionados à cultura, à educação, à comunicação/ à museologia. Os procedimentos ou metodologias poderão ser os mais diversos, mas nunca sem uma fundamentação.

Finalizando, cabe ressaltar que nossa experiência pôde nos demonstrar as potencialidades e as riquezas de investigações realizadas a partir de dentro, ou seja, pelos próprios atores envolvidos no processo de criação e organização do museu, desde que embasada teoricamente para que possa possibilitar reflexões que busquem ofertar uma apreensão aprofundada da realidade com a qual se está diretamente envolvido.

Concluimos nos reportando a Sônia Kramer: “Penso que, no museu, o mais importante não é o que vemos, mas que possamos construir um modo de olhar em que razão e sensibilidade aliadas teçam uma maneira crítica e sensível de ver as coisas e de compreender suas histórias.” (KRAMER, 1998, p. 210). Esta proposta de educação no Museu Virtual de História do Turismo está estritamente ligada à nossa concepção de ser humano e do mundo que queremos.

REFERÊNCIAS

ALVES, V. M. S.; Reis, M. A. G. de S. Tecendo relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa-Redonda de Santiago do Chile: 1972. **Revista Museologia e Patrimônio**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio MAST - vol. 6 nº 1, 2013. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/253/20>. Acesso em: 02.05.2021.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BARBUY, H. Museu e geração de cultura. In: **Cadernos Museológicos**, 2. Rio de Janeiro: MinC / SPHAN / Pró-Memória, 1989. p. 36-40.

BARROS, D.L.P. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, B. Bakhtin, **dialogismos e construção de sentido** (Org). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Política Nacional de Museus**. Brasília, 2003.

BRASIL. Lei nº. 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm Acesso em: 18.04.2021.

BRUNO, M.C.O. **Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema**. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. (Tese de Doutorado)

CAIMI, F. E. Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo? In: Oliveira, M. M. D. de. (org). **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. (Coleção Explorando o Ensino, v. 21), 2010, p.59-82.

CADERNO DE DIRETRIZES MUSEOLÓGICAS. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2º Edição, 2006.

CANDAU, J.. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS (ICOM). Mesa-redonda de Santiago do Chile - ICOM, 1972. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 15, n. 15, 1999.

DECLARAÇÃO DE SALVADOR. In: Encontro Ibero-Americano de Museus, Salvador, 2007. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/DeclaracaoSalvador.pdf> . Acesso em: 06.04.2021.

DUARTE, A. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda Inovadora. Revista Museologia e Patrimônio. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST** - vol. 6 nº 1. 2013.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Ed. Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação na cidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 8. reimp. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Ed. Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Política e educação: ensaios**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

HEIN, G. E. Museum education. In: Macdonald, S. **A companion to museum studies**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

KONDER, L. **O Marxismo da Melancolia**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

KRAMER, S. **Linguagem, cultura e alteridade**. Para ser possível a educação depois de Auschwitz, é preciso educar contra a barbárie. Enrahonar 31, 2000, p. 149-159. Disponível em: https://grupoinfoc.com.br/publicacoes/periodicos/p48_Linguagem_cultura_e_alteridade_Para_ser_possiv

[el uma educacao depois de Auschwitz e preciso educar contra a barbarie.pdf](#). Acesso: 20.04.2021.

MAGALHÃES, L. H.; Zanon, E.; Branco, P. M. C. **Educação Patrimonial: da teoria à prática**. Londrina: Editora UniFil, 2009.

MARTINS, T. G. **O museu como vereda fértil: a Museologia no Museu de Arte Contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio), Programa de Pós – graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://www.unirio.br/cch/ppg-pmus/dissertacoes/dissertacao_Tatiana_gon.pdf . Acesso em: 05/04/2021.

196

MELLADO, Isadora. **A função social e o papel da educação nos museus**. Projeto de Conclusão de Curso. Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

NOBRE, A. The museum that we want. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa. ULTH, v. 37, n. 37, 2010, p. 99-113.

CURY, M. X. Educação em museus, cultura e comunicação. In: Cunha, A. M. de O. et. al. (Orgs.). **Convergências e tensões nocampo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 357-369 (Coleção Didática e Prática do Ensino, Livro 5).

OLIVEIRA, J.C. **Democracia da memória e da informação: os museus virtuais totais**. In: III Seminário da Ciberpesquisa, 2002.

OLIVEIRA, R. J. de; Canen, A.; Franco, M.. Ética, multiculturalismo e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, p. 113-126, jan./abr, 2000.

PEREIRA, J. S.; SIMAN, L. M.. Limiaries da relação museu-escola: educadores em zonas de fronteira. In: Nascimento, S. S. do; Bossler, A. P. (Orgs.). **Museu e Escola: isso me lembra uma história**. Belo Horizonte: LEME/FAE/UFMG, 2010, v.1.

PRIMO, J. S. Pensar contemporaneamente a museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 16, 1999. p. 5-38.

RAMOS, F. R. L. **A doação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

SANTOS, M. C. T. **Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS DE SÃO PAULO (SISEMSP). **Conceitos-chave da educação em museus: documento aberto para discussão**. São Paulo: Secretária de Cultura de São Paulo, 2015.

WAGENSBERG, J. The “total” museum, a tool for social change. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12 (supplement), 2005, p. 309-21.

WAZENKESKI, V.; COSTA, H.A importância das ações educativas nos museus, **Revista Ágora**. Santa Cruz do Sul, UNISC, v.17,n. 02,p. 64-73, jul./dez., 2015.

WEYH, C. Verbete participação. In: Streck, D. R.; Redin, E; Zitkoski, J.J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. BeloHorizonte: Autêntica, 2010, p. 302-303.

ZITKOSKI, J. J. Verbete diálogo/dialogicidade. In: Streck, D. R.; Redrin, E.; Zitkoski, J.J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 117-118.

Interactive and Collaborative Virtual Museum of the History of Tourism in Brazil: an educational space

Abstract

This article presents reflections on the role of education and social function in the Interactive and Collaborative Virtual Museum of the History of Tourism in Brazil. This museum is being managed by a group of Brazilian researchers linked to the Faculty of Tourism and Hospitality of the Fluminense Federal University (UFF). The purpose of this text is to share the reflections carried out in our research process, specifically focusing on the paths traced by the team to constitute the educational function in our museum. Our objective is to reflect on the educational and social function of the Interactive and Collaborative Virtual Museum of the History of Tourism in Brazil, seeking to expand the experiences. We started from the situation of occupying the place of participants in the proposal and implementation of the museum, subsequently carrying out an analysis of the ongoing experience, drawing on a theoretical basis to enable reflections that seek a deeper understanding of the reality with which we are living. directly involved. We have access to several authors in the field of museology and education, with special emphasis on Paulo Freire (1981; 1996; 2000; 2003a; 2003b; 2005), essential for understanding, in our study, the educational and transforming role of museums as an institution and also of virtual museums. Thus, we position ourselves in a transit between theory and action, through a path followed from our practice and its apprehension as a critical reflection on reality. Based on a reading of our experience, we punctuate our reflexive exercise in apprehending this reality. Our reflections are directed towards educational practices that have as a principle education for participation, respect for diversity, dialogue, critical thinking, autonomy and citizenship, making the Interactive and Collaborative Virtual Museum of the History of Tourism in Brazil a democratic space for access and production of historical knowledge in Tourism and related areas.

Keywords: *Museum. Education. History of Tourism.*